

O duelo entre o gênio e as promessas

Se os vizinhos e os amigos dos adolescentes Estevam e Cristóvão estão desconfiados da história contada pelos irmãos na semana passada, em São Luiz Gonzaga, depois do feriado da Páscoa, podem ficar tranquilos.

É pura verdade.

O gaiteiro Estevam, 17 anos, e o violonista Cristóvão, 15 anos, filhos do Nenê Guedes, duelaram, sim, durante quase duas horas com Yamandú Costa no 33º Festival da Barranca.

Tudo começou na tarde de quinta-feira. Ao concluir a sua parte na tertúlia vespertina, Luiz Carlos Borges convidou para tocar Estevam e Cristóvão, que acompanhavam seus ídolos quietos, acomodados nas cadeiras mais distantes do centro das atenções. Adolescentes tímidos, eles hesitam, meio desconfiados.

– Vamos gurizada. Peguem os instrumentos – insiste Borges.

Eles olham para Nenê Guedes, que está virado em satisfa-

ção, se afastam da roda e voltam com os instrumentos. Logo nos primeiros acordes de gaita, Yamandú e Vinícius Brum se olham e franzem a testa. Os irmãos tocam chamamé com o acento característico dos missioneiros e acompanham Daniel Torres em um dos clássicos românticos da música latino-americana.

Sentem-se em casa os piás de Nenê Gue-

des. A cada solo de Estevam, Yamandú e Vinícius voltam a se olhar e sorriem. Até que Yamandú resolve entrar na tertúlia. Ele puxa uma cadeira e se aproxima de Cristóvão. Aos 15 anos, o garoto parece hipnotizado ao tocar violão com um de seus ídolos. Estevam se mostra mais atrevido. E resolve duelar com Yamandú. O adolescente na gaita e o jovem, que conquistou o público e a crítica do país, no violão.

Os dois se intercalam no improviso. Já não se ouvem vozes paralelas. A tertúlia que junta 15 ou 20 pessoas no seu início já atrai pelo menos 50 barranqueiros dispostos a ouvir o gênio, como Yamandú é chamado pelos companheiros, e as promessas. Ao final, Yamandú, com a camisa encharcada, desabafa:

– O piá me deu um suador, chê! – antes de abraçar Estevam e Cristóvão.

Quem acompanhou o duelo ficou com a impressão de que nasceu um novo gaiteiro.



Show: Yamandú (E), Cristóvão (C) e Estevam (D) encantam os companheiros durante tertúlia



Referência: Bicca, um dos criadores da festa

Zé Bicca é o mestre da festança

Há três anos, alguns médicos barranqueiros de Santa Maria ligaram para José Bicca, o Zé Bicca, preocupados como os quilos a mais que o parceiro de Apparício Silva Rillo havia incorporado nos últimos anos.

– Zé, hoje em dia tem uma técnica nova para emagrecimento. Tu colocas um balão gástrico no estômago e reduz o espaço para o alimento. O negócio funciona – detalhou um dos médicos.

Do outro lado da linha, Zé Bicca apenas escutava. Quando o doutor concluiu as explicações, ouviu a seguinte proposta de Zé Bicca.

– Gostei muito da idéia do balão... Vocês só precisam adaptar um ventil para esvaziar o balão quando eu for comer uma costela gorda – contrapropôs Zé Bicca, ainda sério ao telefone.

Essa é apenas uma das tantas histórias de Zé Bicca. Nos três dias de festival, esse homem de passos lentos e sorriso farto, nascido em Cachoeira do Sul, se transforma em uma das principais referências do encontro. Sempre tem alguém à sua volta, ouvindo seus causos, escutando seus conselhos, aprendendo com seus ensinamentos.

Um dos fundadores de Os Angüeras, Zé Bicca é consultado para tudo. Desde a comida que será servida – este ano, as tradicionais ovelhas de quinta-feira foram trocadas por seis leitões no rolete (foto ao lado) – até o nome de pessoas que podem ser vetadas.

– Se alguém se passa na Barranca, fica incomodando ou não percebe o espírito do festival, é cortado no ano seguinte. Não adiante reclamar. A decisão é “inchorável” – brinca Zé Bicca.

– O Zé é uma referência para nós – diz Manoel Pinheiro, o Tono, que, com Mário Canellas e seu irmão, Chico Pinheiro, garantem a infra-estrutura.

Uma das suas preocupações de Zé Bicca é com o tamanho do encontro, que começou com uma reunião de meia dúzia de amigos. Ele suspeita de que parte dos 340 convidados, uma “minoría”, não compreende o “espírito da Barranca”.

– Vamos discutir o que será feito na próxima Barranca, mas é provável que não continue desse tamanho – disse um dos criadores do festival.

A divertida e necessária troca do “u” pelo “i”

– Grande Yamandi!!!! – saúda aos gritos o agrônomo e integrante de Os Angüeras José Cândido da Motta, o Nego Motta, ao abraçar Yamandú Costa, que acaba de desembarcar em São Borja, na noite de quarta-feira.

Diferentemente do que se possa imaginar, Nego Motta não errou o nome de um dos principais instrumentistas do país. É que na Barranca é comum a pulha entre os “irmãos barranqueiros”. Ninguém escapa – seja empresário, desembargador, ministro, secretário de Estado, artista ou peão de estância.

Então, palavras terminadas em “u” são evitadas porque possibilitam uma rima desagradável. Yamandú é chamado de “Yamandí”. Anu (como é denominado aquele que não leva barraca, em alusão à ave anu, que não tem ninho) passa a ser o “ani”. Sagu vira

“sagui”. E assim por diante.

Não se vá pensar que Yamandú fica preocupado com isso. Ele está mais preocupado com a energia do festival.

– É um encontro de choro e de riso, tudo com a mesma freqüência, o choro e o riso na mesma freqüência de alma, de comunidade de espírito – define o músico nascido em Passo Fundo.

Quando alguém percebe que está sendo empurrado, dispara:

– Faca, bala e pingo de solda! – uma espécie de “não vem que não tem”.

Quem mais sofre com a pulha são os chatos, que na barranca recebem o apelido de “barbicacho” – a saber, barbicacho é um cordão entrançado que passa por sob o queixo, segurando o chapéu, mas incomodando o

queixo do vivente.

– A barbicachama é igual àquele bichinho de estimação. Eles incomodam, tu dá uma ralhada, eles se somem, mas voltam a incomodar de novo. E assim vão passando os três dias de Barranca – analisa aos risos Nego Motta.

Na Barranca do ano passado, os barbicachos sofreram nas mãos de Telmo Motta, um dos responsáveis pela cozinha. Telmo cobriu um liquinho com lenha, dando a impressão que era a madeira que produzia as chamas. Quando alguém perguntava se precisava de ajuda, Telmo se lamentava.

– Tá me faltando lenha...

E lá ia o barbicacho mato adentro em busca de madeira seca para ser colocada em volta do liquinho.



Cardápio: no festival deste ano, as tradicionais ovelhas assadas na quinta-feira foram trocadas por seis leitões no rolete que alimentaram os amigos

Data Publicação : 18/04/2004
Indexador : Dioclécio Lopes

Editoria : Geral

Ilustração : Foto

Assunto :

Música Tradicionalista, Tradicionalismo, Músico, Festival, Interior, Rio Grande do Sul, Capa, Contracapa, Participante, Causo, Declamação, Encontro, Participante, Cantor, Surgimento, História, Evento Artístico, Arte, Assado, Comida, Churrasco, Gaiteiro, Violonista, Recomendação Médica, Médico, Telefonema, Conversa

Observação CDI:

Leia mais na página 40 e 42.